



Metade dos cursos de Engenharia Civil sem alunos na 1.ª fase

Para os responsáveis das universidades e politécnicos, trata-se de um “problema nacional”. O presidente do CCISP apela ao Governo para melhorar a preparação dos alunos a Matemática e Físico-Química

Ensino superior Maria João Lopes

Apesar de o grupo da “Engenharia e técnicas afins” surgir em terceiro lugar no que toca às preferências dos estudantes, muitos dos cursos de Engenharia no geral e de Engenharia Civil em particular não preencheram as vagas nesta 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior público. Em cerca de 20 cursos de Engenharia Civil, entre licenciaturas e mestrados integrados, metade não recebeu nesta fase qualquer aluno.

Para o presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP), trata-se de “um problema nacional”: “Não é só dos politécnicos, também é das universidades, é transversal a todo o país. E não corresponde às necessidades de desenvolvimento do país. Temos de ter mais alunos nesses cursos, sob pena de termos de vir a importar estudantes.” E apela ao Governo para que aposte mais na preparação dos alunos que se candidatam a estas áreas: “Alertámos o Governo para reforçar a preparação dos estudantes para os exames de Matemática e de Físico-Química. Se calhar, a preparação dos estudantes para estes exames não está a correr bem”, diz Joaquim Mourato, que já tinha alertado, em comunicado, para a necessidade de “olhar de forma particular para os cursos de Engenharia”, considerando que é uma área “fundamental para a industrialização e desenvolvimento do país”.

O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, António Rendas, reconhece que se trata de um “problema nacional” que “tem de ser analisado em detalhe nas universidades e escolas de Engenharia”: “Vejo este problema com preocupação”, diz António Rendas, ressaltando, no entanto, que é preciso esperar ainda pelos resultados da 2.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior, que serão conhecidos a 25 de

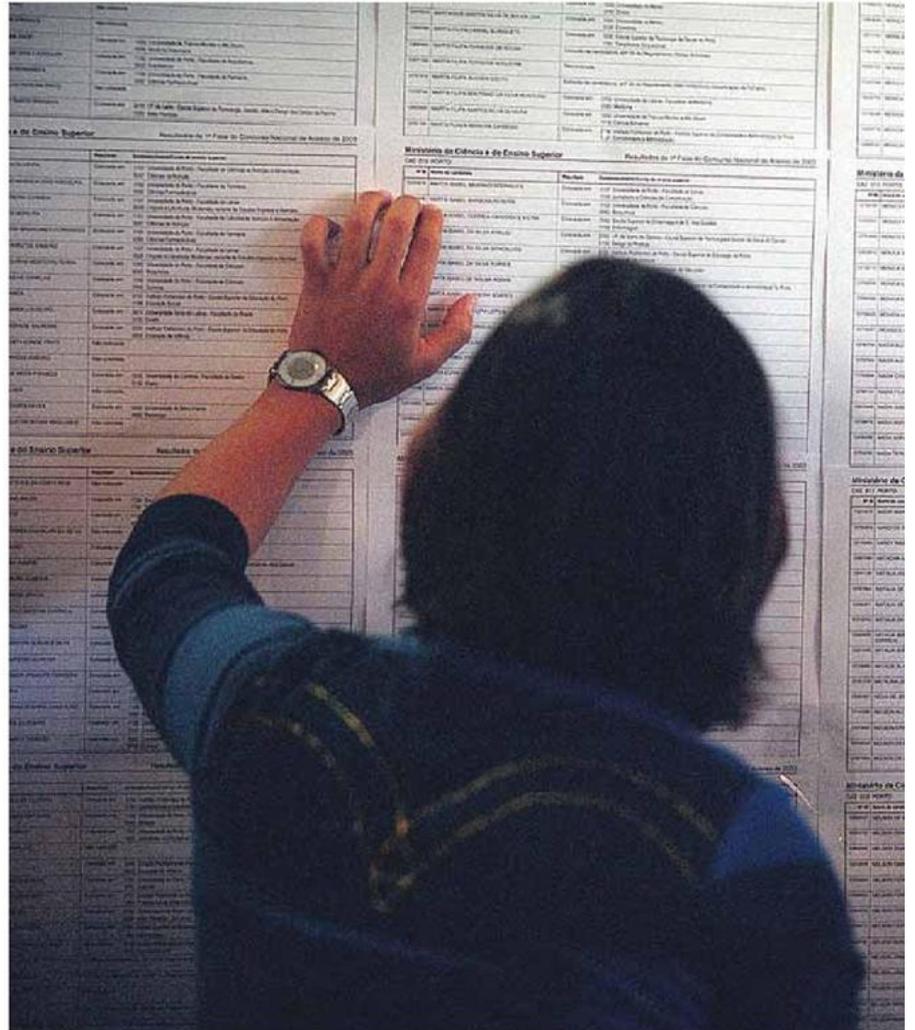
Setembro. O número total de novas admissões só será conhecido após a conclusão das inscrições e incluirá não só os estudantes que virão a ser colocados na 2.ª e 3.ª fases do concurso, como os admitidos através de outras vias, entre as quais se encontram os regimes especiais de acesso.

De acordo com os dados divulgados pela Direcção-Geral do Ensino Superior (DGES), os cursos da área designada por “Engenharia e técnicas afins” abriram 9022 vagas (o mesmo número do ano passado). Mas o número de colocados baixou dos 5596 em 2013 para os 5302 este ano, o que se traduz numa redução da taxa de ocupação dos 62% para os 59%, tendo sobrado, este ano e nesta primeira fase, 3724 vagas.

Analisando em detalhe os dados divulgados, curso a curso, há mais de 200 cursos de Engenharia. Incluem licenciaturas e mestrados integrados de vários tipos de Engenharia, de Civil a Informática, passando por Mecânica, e ainda diferentes regimes, como pós-laboral ou nocturno. Contando com todas as ofertas disponíveis, a média das vagas sobranes é 62%. Entre estes cursos, há 46 ofertas sem qualquer aluno colocado na 1.ª fase - 38 em politécnicos e oito em universidades.

No caso particular dos cursos de Engenharia Civil - e incluindo todas as licenciaturas, mestrados integrados, um curso com regime nocturno e dois cursos em que a Engenharia Civil surge combinada com outras áreas -, a média das vagas sobranes ronda os 93%. São, no total, 21 cursos ou ofertas (22, se contarmos com o facto de o mesmo curso disponibilizar vagas para o regime nocturno). Cerca de metade não tem alunos (dez, analisando cada instituição; 11, incluindo as vagas para o regime nocturno).

As dez instituições que ficaram sem qualquer aluno nesta fase são o Instituto Superior de Engenharia do Porto; Escola Superior de Tecnologias de Gestão de Viseu; Escola Superior de Tecnologia e de Gestão



Listas da 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior público foram divulgadas ontem

Para o ministro da Educação, Nuno Crato, os resultados da primeira fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior são “um bom sinal”

de Bragança; Instituto Superior de Engenharia de Coimbra; Escola de Ciências e Tecnologia (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro); Escola Superior de Tecnologias de Castelo Branco; Escola Superior de Tecnologia e Gestão (Instituto Politécnico de Leiria); Escola Superior de Tecnologia do Barreiro; Escola Superior de Tecnologia de Tomar; e Universidade de Aveiro. É o Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa que tem a percentagem mais baixa de vagas sobranes (45%) e é num mestrado

integrado de Engenharia Civil - 82 candidatos foram colocados nas 150 vagas disponíveis.

Mas a análise dos dados divulgados ontem pela DGES também permite perceber que, no que se refere às áreas de estudo preferidas pelos estudantes, o grupo da “Engenharia e técnicas afins”, que inclui vários cursos, surge em 3.º lugar, depois da Saúde e das Ciências Empresariais. Este ano, 5503 estudantes escolheram um curso da área de “Engenharia e técnicas afins” como 1.ª opção - um número, porém, inferior ao



“Sem Engenharia Civil não se pode concretizar este plano [estratégico de infra-estruturas de transportes]”

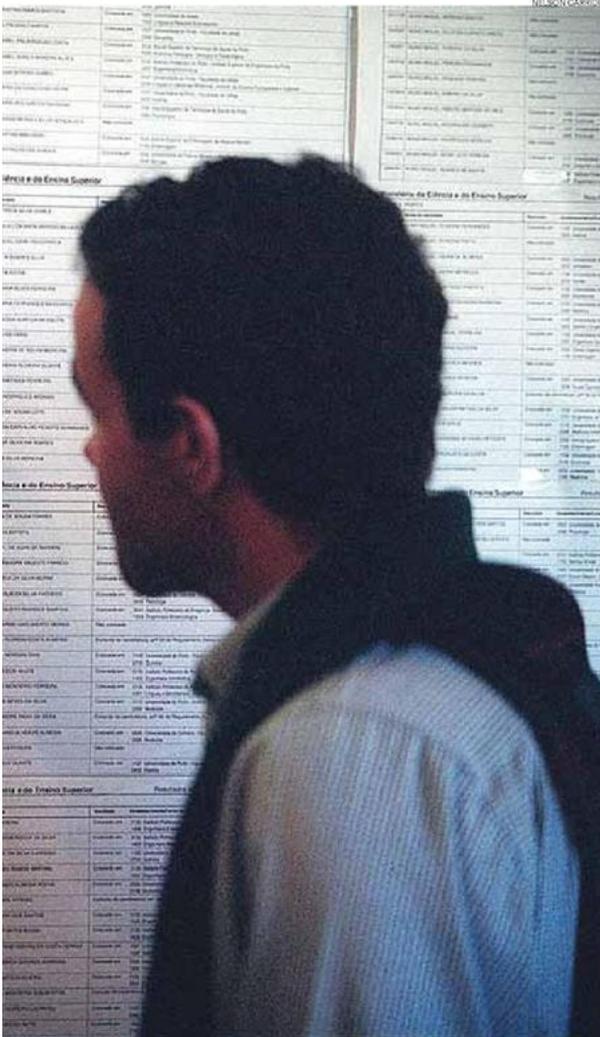


Carlos Matias Ramos
Bastonário da Ordem dos Engenheiros

Ordem lamenta quebra de candidatos em Engenharia

O bastonário da Ordem dos Engenheiros considerou ontem preocupante a redução de candidatos aos cursos de Engenharia Civil e defendeu que a falta de engenheiros pode comprometer o plano de infra-estruturas e a internacionalização das empresas de construção. “É preocupante que uma área, que é promissora para o país e que tem sido responsável por grande parte da internacionalização da nossa economia, tenha sofrido o baque que teve, com taxas de ocupação muitíssimo abaixo do que seria expectável”, disse Carlos Matias Ramos.

Para o bastonário da Ordem dos Engenheiros, esta redução é tanto mais preocupante quando existe intenção do Governo de implementar o plano estratégico de infra-estruturas de transportes, um investimento de mil milhões de euros por ano. “Sem Engenharia Civil não se pode concretizar este plano”, disse Carlos Matias Ramos atribuindo esta quebra a uma “desinformação grande” que gerou na sociedade a ideia de que estes cursos já não dão emprego. A crise imobiliária que afectou Portugal é apontada como outro aspecto que tem contribuído para este fenómeno.



9022

vagas abertas em 2014 nos cursos que pertencem à área de estudos designada por “Engenharia e técnicas afins”

3724

vagas sobram em 2014 na 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior na área de estudos designada por “Engenharia e técnicas afins”

59%

foi a percentagem de ocupação, registada nesta 1.ª fase do concurso nacional de acesso, das vagas nos cursos que pertencem à área designada por “Engenharia e técnicas afins”

46

cursos da área das engenharias sem qualquer aluno, nesta 1.ª fase do concurso. Destes, 38 são em politécnicos

89%

dos estudantes foram colocados na 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior

registado no ano passado - 5904. Apesar de ontem, em declarações à agência Lusa, o ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, ter admitido que “há ainda ajustamentos a fazer em áreas prioritárias”, como as Engenharias, de uma forma geral, quando questionado sobre os resultados desta 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior, o governante salientou o aumento do número de estudantes colocados. “Estamos muito contentes por ter nesta primeira fase mais estudantes a entrar no ensino supe-

rior tanto nas universidades como nos politécnicos”, afirmou Nuno Crato, para quem estes resultados são “um bom sinal”. Este ano havia menos vagas e mais alunos a disputar um lugar no ensino superior. Nesta fase, abriram 50.820 vagas, menos 641 do que no ano passado. Menos vagas, mas mais candidatos: no ano passado, eram 40.419, este ano 42.408. Em 2013, 37.415 foram colocados (93%), este ano 37.778 (são mais em termos absolutos, mas menos em termos percentuais, 89%). Para a

2.ª fase, ainda há 13.168 lugares. Nuno Crato destacou ainda, entre outros, alguns programas criados pela tutela que poderão também, defende, contribuir para aumentar o número de estudantes no ensino superior. Referiu-se ao “programa Retomar, para aqueles que abandonaram os estudos e que neste momento pretendem voltar e estão desempregados” e ainda ao “programa +Superior, para aqueles alunos que pretendam deslocar-se para instituições de ensino superior no interior do país”.